

Os 'críticos inteligentes' de FH

Elogiados pelo presidente por suas posturas políticas, Roberto Campos e Roberto Freire insistem em manter a independência

Elogios presidenciais nem sempre acendem a fogueira das vaidades. O senador Roberto Freire (PPS-PE), apontado como um dos raros críticos inteligentes do país numa longa entrevista de Fernando Henrique Cardoso à revista *Veja*, procurou minimizar os pontos de concordância com o presidente para marcar seu papel de opositorista.

O deputado Roberto Campos (PPB-RJ), outro elogiado, também não deixou por menos: discordou de trechos da entrevista, embora concorde com a essên-

cia da política do governo.

"Queremos justamente o Estado no papel de regulador do mercado e fiscal da livre concorrência. Ao contrário do que o presidente pensa de mim, defendendo que o Estado deva ser um xerife da competição", defende-se o deputado Roberto Campos.

"Apesar de o sociólogo Fernando Henrique defender a radicalização da democracia, o presidente Fernando Henrique faz concessões contrárias a esse objetivo", criticou o senador Roberto Freire.

Os elogios de Fernando Henrique Cardoso foram momentos importantes da entrevista em que o presidente discorreu fundamentalmente sobre o futuro do país e as prioridades de sua gestão. Fernando Henrique se equilibrava com a habilidade de sempre para não entrar em contradição com o sociólogo. Discorreu sobre a revolução que acredita estar conduzindo, sobre a força da globalização e os acertos da política econômica. Mais timidamente, também passou pelas questões sociais.

"NEOLIBERAL NÃO É XINGAMENTO"

JORGEMAR FELIX

BRASÍLIA – O que era para ser um elogio do presidente Fernando Henrique não agradou em cheio o deputado Roberto Campos (PPB-RJ). Na entrevista à *Veja*, o presidente apontou o parlamentar como um dos críticos inteligentes do governo, mas ressaltou que discordava dele. Fernando Henrique disse que o ex-ministro do Planejamento do governo Castelo Branco, um dos maiores defensores do liberalismo no Brasil, quer o Estado fora do mercado mesmo nas funções de regulamentação.

Ontem, Roberto Campos contestou: "Houve um equívoco. Nunca um liberal quis isso. Queremos justamente o Estado nesse papel: regulamentando o mercado e fiscalizando a livre concorrência. O Estado deve ser um xerife da competição."

Roberto Campos acredita que o presidente tem razão quando diz que o Brasil daqui a dez anos será outro porque está em andamento uma revolução silenciosa. "Está em curso um importante processo de mudança cultural. A estabilidade econômica cria um valor fundamental para a retomada do desenvolvimento e a distribuição de renda."

A crítica do parlamentar fluminense continua sendo quanto ao ritmo que o governo impõe a essas mudanças. "O Brasil já perdeu o seu *rendez-vous* com a História", afirmou. "Uma década inteira já foi perdida e agora o país não pode deixar mais a História passar. Fico feliz porque o presidente entendeu isso, mas defendendo essas posições há mais de 40 anos. Não fui eu quem mudei."

Erudição – Roberto Campos elogiou a entrevista do presidente. "Nenhum dos presidentes da República que conheci daria uma entrevista erudita como esta." Disse, ainda, concordar com várias opiniões de Fernando Henrique, sobretudo na análise que o sociólogo faz da esquerda brasileira.

"A esquerda, além de conservadora, reacionária e burra, assumiu uma postura anti-democrática. Defender esse sistema previdenciário de hoje é impedir a democracia, distribuir renda ao contrário, tirar dos pobres para dar aos ricos e privilegiados."

Outro exemplo citado pelo deputado é a insistência da esquerda em manter o sistema universitário gratuito. "Tiramos dos pobres para dar aos filhos de ricos e deixamos de dar bolsas de estudos aos pobres."

O deputado pebeista concordou também com o presidente quanto à sobrevivência de um coronelato que impede muitas vezes as mudanças. "O remédio para isso é educação, de-

mocratização radical e abertura econômica. Isso acaba com os privilégios políticos e econômicos que ainda persistem no país."

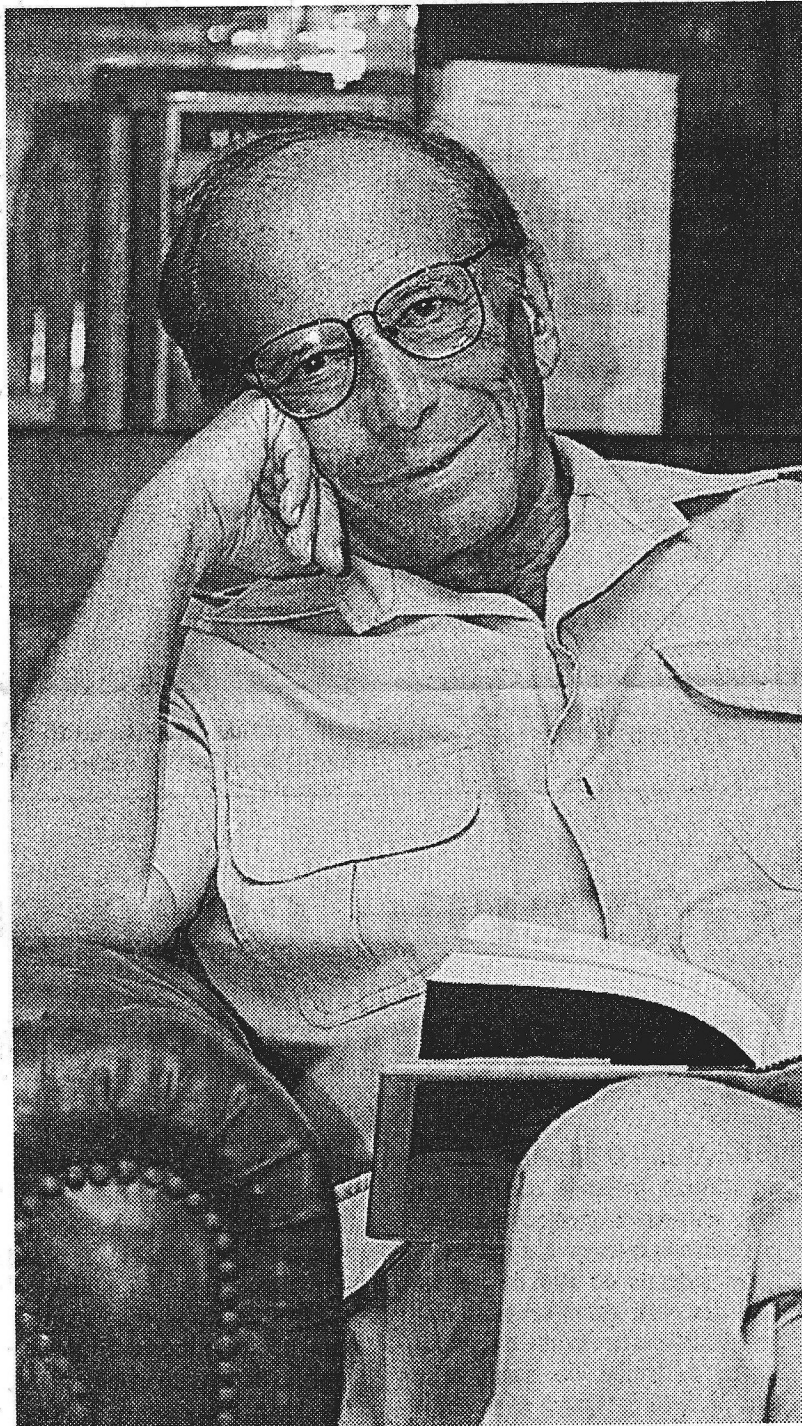
Roberto Campos gostou particularmente da alusão ao pensador Antônio Gramsci, dirigente do Partido Comunista Italiano. "Gramsci não era um fanático pelo Estado, mas a esquerda brasileira quer apenas as idéias de Gramsci que convêm ao pensamento dela", disse. "O respeito que ele tinha pela iniciativa privada é geralmente ignorado aqui."

O ex-ministro ficou incomoda-

do apenas com a rejeição do presidente ao rótulo de neoliberal. "O pensamento todo ali é neoliberal, mas a palavra para ele soa como um xingamento. Ele é o que então? Terá que ser neo alguma coisa. Não sei porque a palavra o deixa nervoso."

O sotaque marxista que o deputado sempre detectou no presidente Fernando Henrique Cardoso dessa vez nem foi percebido no pensamento do sociólogo. "Todo o cidadão que tem formação marxista parece um francês falando tupi-guarani quando se torna liberal."

Fotos de arquivo



"Roberto Campos também faz crítica inteligente, mas pelo outro lado. Não concordo. Ele é liberal. Quer realmente que o Estado diminua. Outro dia disse que não sou um 'convertido'. Tem razão. Não sou mesmo convertido a essa visão de um Estado que não regulamenta."

Fernando Henrique, sobre Roberto Campos

"O PRESIDENTE NEM SEMPRE AGE COMO O SOCIÓLOGO"

BRASÍLIA – O senador Roberto Freire (PPS-PE) – apontado pelo presidente Fernando Henrique Cardoso como um dos poucos integrantes da esquerda que fazem críticas inteligentes ao governo – disse ontem que a entrevista publicada pela revista *Veja* abriu um amplo debate político sobre o país que se refletirá na campanha eleitoral de 1998.

Freire concorda com boa parte da visão do presidente sobre o papel da esquerda brasileira. Segundo o senador, se os setores que se autodenominam progressistas não tiverem compreensão das necessidades das

reformas do Estado, serão derrotados pelos acontecimentos históricos.

"Nós, comunistas, fomos a primeira vítima, quando ignoramos o avanço do capitalismo e fomos derrotados. Agora outros setores de esquerda podem ser de novo vítimas, se não identificarem a necessidade de mudanças diante da globalização", afirmou Freire.

A discordância, segundo o senador, é quanto à execução daquilo que é identificado pelo intelectual. Freire lembra que o extinto PCB, que originou o PPS, foi o primeiro a defender a radicalização da democracia contra o

culto à personalidade, apontado como causa da crise do comunismo depois da revelação dos crimes de Stalin.

"Como o Partido Comunista Italiano, nós também falamos que aquilo era fruto da falta de democracia", disse. Segundo Freire, apesar de o sociólogo defender a radicalização da democracia, o presidente faz concessões contrárias a esse objetivo. "Muitas vezes, as velhas práticas daninhas à democracia são enfatizadas, muito culpa da sustentação política do presidente, mas isso é a *real politik*, a política possível."

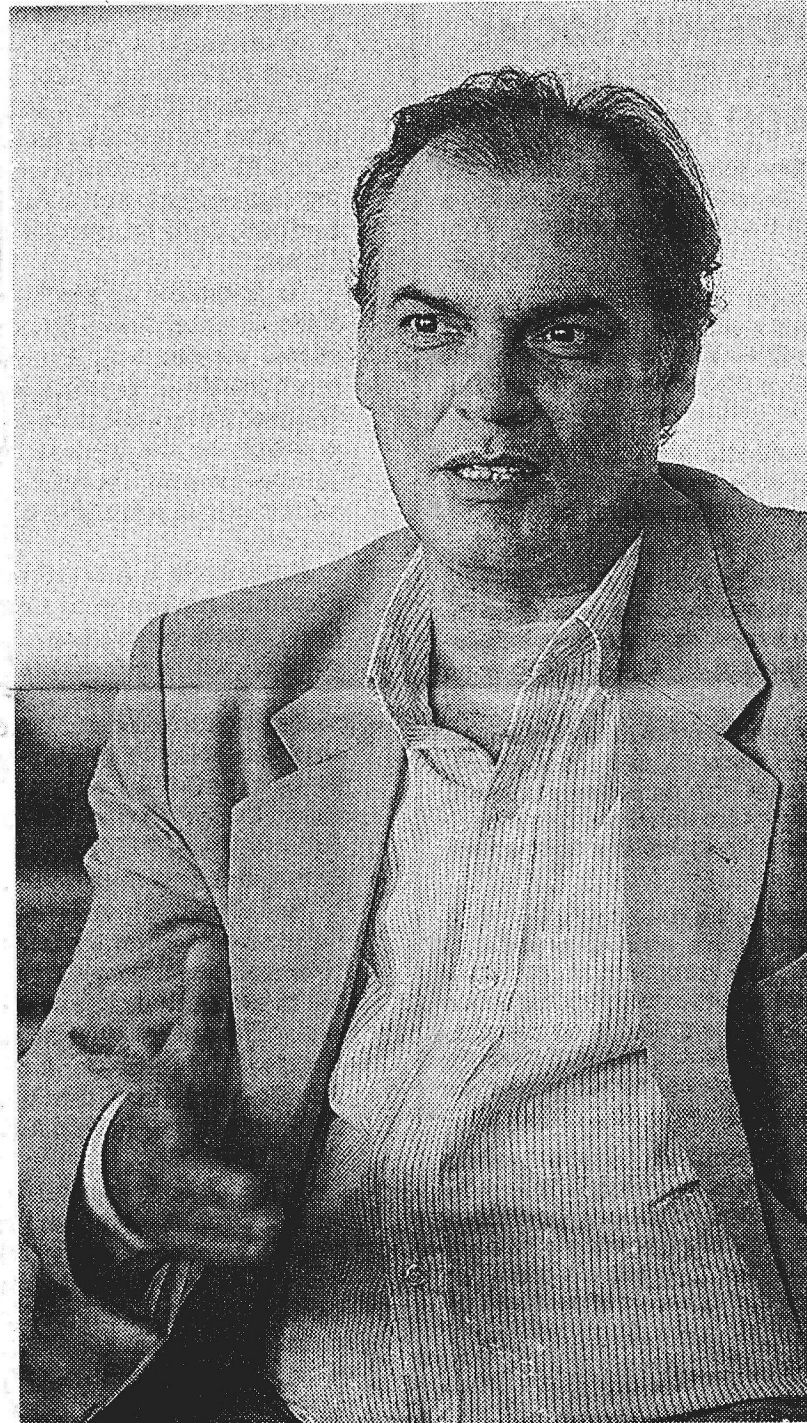
O exemplo citado por Roberto Freire foram as mudanças nas reformas da Previdência e administrativa. O senador lembrou que sugeriu ao presidente que adotasse a emenda do deputado Eduardo Jorge (PT-SP) como proposta do governo. Na crise da votação da reforma da Previdência, Fernando Henrique concordou com Freire que a nomeação de Eduardo Jorge impediria a deformação da emenda, mas o PFL – segundo Freire – impediu a indicação do deputado petista. E o texto ficou irreconhecível.

"É isso que eu critico: quando os setores de esquerda que pensam como o sociólogo propõem determinadas idéias, o presidente ignora."

Acordo restrito – O senador explicou que a coincidência de visões sobre a posição da esquerda entre ele e o presidente não significa concordância com todos os pontos de vista de Fernando Henrique e do governo. "Pelo contrário, na parte econômica, acho que o núcleo do governo está fechado demais e ignora críticas procedentes da esquerda", afirmou. O senador diz que a política de juros altos para cobrir o déficit fiscal é uma falha da equipe econômica que terá consequências negativas para o Plano Real a longo prazo. "Embora o presidente tenha razão quando diz que o Plano Real é um grande feito na área social, nós da esquerda achamos que é apenas um primeiro passo, insuficiente", disse.

Por esse motivo, Freire defende que nem o governo e nem a oposição devem ficar buscando o culpado pela falta de diálogo com a oposição, reclamado pelo presidente. "Não houve o diálogo no momento certo e em outros instantes houve um diálogo de surdos."

Freire defende que a alternativa de oposição é buscar espaço naquilo que o presidente foi mais vacilante na entrevista: o setor social. "O que o governo está fazendo na saúde, por exemplo, é privilegiar a medicina mercantilizada", atacou. "Na educação há modestas realizações, e é nesse sentido que a esquerda deve atuar, mas sem perder de vista que as reformas do Estado também fazem parte dessas reivindicações sociais da sociedade", disse.



"A visão do Roberto Freire é interessante, não porque esteja de acordo comigo, mas porque vê que há algo novo no Brasil. Não por acaso, como o D'Alema (Massimo D'Alema, líder do ex-Partido Comunista Italiano), trata-se de um ex-comunista gramsciano."

Fernando Henrique, sobre Roberto Freire